

Resistências indígenas durante a pandemia

Diálogo realizado no marco do I Ciclo de Conferências da Revista TEKOA, no dia 20 de agosto de 2021

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CAypV2UyS-A&t=41s>

Transcrição: Fidel Rodriguez Velásquez - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro



Clovis Brighenti (palestrante)

Universidade Federal da Integração Latino-americana, Brasil

clovis.brighenti@unila.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8782-2239>

Julimar Mora Silva (moderadora)

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

julimar.mora@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0562-1717>

Clovis Brighenti (CB): Olá, muito boa tarde Julimar! Em seu nome cumprimento todos os estudantes do nosso Programa de Pós-graduação em História e a todas as pessoas que estão aqui presentes na nossa atividade de hoje. Quero iniciar felicitando e parabenizando vocês pela organização desta Revista Tekoa. É um esforço louvável e gigantesco colocar no ar uma revista com essa abordagem, com essa proposta e com esse título. Um tema bastante sugestivo e interessante. O nome da Revista Tekoa ou Tekoa (fazemos essa distinção porque é uma palavra Guarani, que significa o lugar da vivência, o lugar de ser, de estar, e alguns grupos linguísticos Guarani grafam com letra H e outros sem a letra H), é uma palavra que expressa muito do universo cosmológico Guarani. Dessa maneira, parabenizo vocês estudantes da primeira turma do PPGHIS/Unila por essa importante iniciativa de constituir esta revista. Acabamos de concluir a seleção para a nossa terceira turma, de modo que estamos aprendendo e construindo juntos. Essa iniciativa nos anima, e nos motiva a seguir.

Me pediram para falar sobre as resistências indígenas durante a pandemia. O tema é bastante complexo, polêmico, polêmico, por isso temos que fazer recortes porque ele tem uma abrangência que não damos conta, tanto pela nossa impossibilidade de unir informações, análises e dados e também pela abrangência geográfica. Temos que considerar também a singularidade dessa pandemia, a qual restringiu nossas ações de pesquisa, ensino e extensão. Embora hoje a internet seja um veículo que nos permite acessar diferentes acervos e informações, nem tudo está na internet, nem tudo é possível pela internet, nem tudo se faz pela internet, as relações humanas não são substituídas pela internet, nós ainda precisamos delas e vamos precisar sempre. Esperamos também que essa pandemia acabe logo e a gente consiga retomar os trabalhos



de maneira presencial, as nossas pesquisas os acervos, poder viajar, poder se reunir, poder trocar, poder conversar, poder ser solidários presencialmente, esse apoio é muito fundamental.

Quanto à abrangência geográfica, eu vou falar mais especificamente do Brasil. Nós iniciamos no ano passado, por conta da pandemia, duas ações de extensão aqui no Oeste do Paraná. Uma que já estava em curso e outra especificamente sobre o tema da pandemia junto aos Guarani aqui no Paraná, a qual já estamos concluindo agora em outubro. Temos também desenvolvido ações pelo Observatório da Temática Indígena na América Latina, são diversas atividades com vários colegas da UNILA, professores de antropologia, de história e de outras áreas também, como medicina, e também com parcerias com organizações da sociedade civil. Mas, também estamos desenvolvendo pesquisas relacionadas a esse tema com outros pesquisadores do continente latino-americano, e também pessoas do Canadá.

Eu quero brevemente trazer alguns dados que acho relevantes para iniciar a nossa conversa, alguns números de hoje do site da APIB (Articulação dos Povos Indígenas no Brasil). A pandemia entre povos indígenas já registrou um número de 58.379 indígenas afetados, que contraíram o vírus, isso representa algo em torno de 6,5% da população indígena brasileira e, desses, ocorreram 1.683 óbitos, 0,2% da população. A APIB também fala em 163 povos afetados pela pandemia até o momento. Esses são alguns números, porém, como vou falar em seguida, não são apenas números, são pessoas e são povos, mas iniciamos assim. Teve um estudo recente, divulgado no mesmo de julho pelo professor Pedro Hallal, epidemiologista da Universidade Federal de Pelotas, ele já foi reitor daquela Universidade, ele fez um recorte a partir dos indígenas que vivem nos espaços urbanos. Grosso modo, metade da população indígena vive nos centros urbanos e a outra metade nas áreas rurais, em regiões mais afastadas. E nessas áreas rurais, no geral, os povos estariam mais protegidos do que os que vivem nas áreas urbanas, por uma série de fatores, mas enfim, nesse estudo Hallal mostrou o percentual de infectados usando a categoria cor da pele, considerando três fases da pandemia – no ano passado, no final do ano e, agora mais recente. Na coluna da direita, a verde, seriam os indígenas, então o percentual de indígenas nas 3 fases da pandemia foram os mais afetados, percentualmente falando. Em seguida, a população parda seguida da população preta e, por último, a população branca sendo a menos afetada pela pandemia.

São dados importantes que demonstram também o quanto a pandemia não atinge a todos da mesma forma, algumas populações são mais afetadas que outras populações. Seria interessante também estudos para qualificar esses dados, entender o que leva a algumas populações serem mais afetadas do que outras populações. Parece evidente que essa não é uma questão biológica, tem a ver também com as condições de vida, condições de moradia, econômicas, sociais, ou seja, as condições de pobreza e falta de acesso a bens e serviços que afetam mais umas que outras populações. Pretos, pardos e indígenas vivendo em espaços urbanos são no geral os mais pobres do país e que precisam se deslocar para trabalhar, são os que não têm moradia... Então aquele discurso de “fiquem em casa”, para quem tem uma casa confortável, cercada, com muros ou para quem tem um apartamento confortável é muito fácil, ou melhor, é um pouco mais fácil. Mas quem não tem uma casa, não tem como ficar em casa, ou quem mora em barracos minúsculos, com várias pessoas, não tem como ficar em casa. E outras populações como as indígenas, especialmente as que vivem no campo, o “fiquem em casa” não necessariamente significa

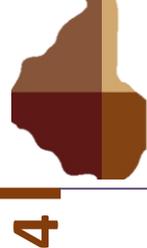


“casa”, já que a casa é a própria comunidade, a própria coletividade, aquilo que a gente chama de aldeia, ou no caso dos Guarani, o Tekoa.

Esses números precisam ser melhores qualificados e problematizados, mas eles já revelam muita coisa, inclusive foi apresentado também na CPI, no Senado Federal, e gerou muita polêmica com o governo que tenta negar ou esconder os dados da pandemia. Depois vocês também vão poder acessar no site da APBI, que fala sobre os indígenas afetados por estados e unidades da federação. No caso, números totais de pessoas mortas pela Covid por estado. Amazonas, o estado que mais ocorreram mortes, depois o Mato Grosso, Roraima, Mato Grosso do Sul, Pará e Maranhão. Esses primeiros 6 estados são todos da região Norte do Brasil, ou da região Amazônica, já que o Maranhão é Nordeste, mas faz parte do bioma amazônico. E na sequência vêm Santa Catarina, Rondônia, Acre. Esse também é um aspecto que, claro, precisa também ser qualificado esse número, mas eles também chamam bastante atenção. No Amazonas há uma população expressiva de não indígenas que contraiu o vírus e também foi a óbito, no caso a população urbana de Manaus, indígenas urbanos de Manaus, que vivem na cidade, também contraíram a doença e foram a óbito.

Um segundo elemento, eu chamei a Covid em perspectiva. Aqui é um pouco uma tentativa da gente pensar em alguns elementos de como a pandemia afeta as populações indígenas, como ela adentrou alguns territórios indígenas. Trazemos alguns exemplos sobre esse tema, porque não dá para falar sobre todo ele. O líder indígena Yanomami Davi Kopenawadiz que essas epidemias e pandemias são as pegadas dos homens brancos, os rastros do homem branco, ou seja, a sociedade não indígena. Ele diz que essas doenças todas são os rastros da sociedade ocidental. Essa referência a homens brancos não é sobre a coloração da pele ou ao gênero masculino, mas uma referência a uma categoria social mais do que étnica

Você vai identificar alguns aspectos interessantes do ponto de vista de como há uma intencionalidade nas ações de contaminações e ações de pandemia junto às populações indígenas. Nós vemos na história do Brasil, vários momentos, vários lugares e vários contextos em que as pandemias e as epidemias foram propositalmente levadas às sociedades indígenas, para eliminar a população, liberar territórios ou mesmo de enfraquecer a população para mais facilmente torná-la escrava. Então, várias motivações levavam os colonizadores a provocar a pandemia nessas populações indígenas ao longo da história e temos vários exemplos, não só no período colonial, não só no período do império, mas também no período republicano e também nos tempos mais recentes, no século XX. Eu falo e friso no século XX, porque nessa época, o Brasil tinha, desde 1910, um órgão indigenista - Serviço de Proteção aos Índios (SPI) - para “cuidar” dos indígenas, para proteger e defender esses povos. O Estado brasileiro chamou para si essa responsabilidade da defesa do indígena, criou um órgão e nós vamos ver ao longo da história como esse órgão era um dos propulsores de contaminações de populações indígenas por vários tipos de doenças, ou então à omissão total, quando por interesses privados adentravam nos territórios indígenas, eliminavam a população para não deixar vestígios e tomar os territórios. O mais famoso deles é o massacre do paralelo 11, que aconteceu no Mato Grosso na década de 1960, quando um fazendeiro resolveu distribuir açúcar com veneno para os indígenas e depois metralharam os que sobreviveram.



Posteriormente, o Estado brasileiro extinguiu o SPI e criou a Fundação Nacional do Índio (Funai), que existe até hoje. Porém, para os indígenas pouco mudou. O jornalista Rubens Valente fez um estudo recente, é um trabalho bem interessante, um jornalismo investigativo, pelo qual ele entrevistou vários ex-servidores da FUNAI dos anos 1970, nos anos em que o Brasil era governado pela ditadura militar. Esses servidores comentam como eles entravam nas aldeias de povos indígenas de pouco ou sem contato, levando doenças e quando voltavam não tinha mais ninguém lá, encontravam restos de população, população morta, população extinta de forma deliberada. Eles sabiam que uma gripe em populações com pouco contato poderia gerar o extermínio e mesmo assim não se precaviam, então eram ações deliberadas. Essas práticas do século XX não eram tão distintas daquelas do período colonial. No período colonial, os jesuítas confinavam os indígenas em aldeamentos e a população confinada era a mais propensa a se contagiar por doenças contagiosas. No entanto, os padres justificavam as mortes pela conversão imperfeita, argumentavam que morriam porque os indígenas não se convertiam ao catolicismo como deveria ser, eram vítimas do castigo divino. Então, precisavam trazer mais indígenas aos aldeamentos e trabalhar com mais afinco o tema da conversão e da evangelização. Eram essas as fakes news do período colonial.

Voltando ao tempo presente, e só para deixar claro que os povos indígenas possuem uma memória histórica das pandemias, os traumas das pandemias estão presentes nos povos indígenas. Associam as pandemias com o mundo não-indígena, isso é importante, como diz o Kopenawa, é a doença dos brancos. Para nós é a doença do mundo moderno, administrada pelo governo brasileiro, pelo nosso Estado, mas para os povos indígenas não, porque para eles o colonialismo ainda se faz muito presente e eles sabem que a sociedade ocidental continua com o seu projeto, semelhante ao que foi o período colonial. Nesta pandemia do Covid-19, vamos encontrar algumas referências interessantes de como a pandemia entrou nas populações indígenas. Se olharmos o mapa da região amazônica, na região do Tumucumaque, que fica no Pará e no Amapá, podemos observar que é uma região de Parque Nacional, bastante extenso, uma área bastante protegida em que dificilmente os indígenas iriam encontrar essa doença por conta do isolamento, no entanto, o exército foi quem fez incursões por essa área e levou o vírus para dentro desses territórios indígenas, inclusive há grupos considerados isolados ou aqueles em isolamento voluntário. Então o exército é quem levou a pandemia para essas sociedades, para o Tumucumaque. No Alto Purus, no Acre, foi a equipe da SESAI que levou o vírus para o território com indígenas em isolamento voluntário, mas, quem é a SESAI? É a Secretária Especial de Saúde Indígena, um órgão do Estado brasileiro, órgão que deveria proteger esses povos contra essas epidemias, mas é ele que leva.

Um pouco mais ao Norte, na fronteira com o Peru e logo acima Colômbia, equipes da SESAI contaminadas levam o vírus para a região com o maior número de indígenas em isolamento voluntário que é a terra indígena Vale do Javari, onde tem o povo Matis e vários povos em isolamento voluntário. Da mesma forma, no Alto Solimões, no Amazonas, também foram os médicos e outros servidores da SESAI que contaminaram populações indígenas da região, sendo hoje o território com maior quantidade de casos registrados. Aquelas ações que mencionamos relativas aos anos 70, em que os funcionários da FUNAI levaram a epidemia para as populações indígenas, agora se repetem com o exército e com a SESAI.



Na região centro-sul, por exemplo, Mato Grosso do Sul Oeste do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, há outro contexto em que as terras indígenas são minúsculas, isso quando há terras demarcadas. No Oeste do Paraná, por exemplo, a maioria das comunidades está em acampamentos, em terras não demarcadas e as que têm são terras minúsculas. Nesses contextos o vírus entrou por trabalhadores, indígenas trabalhadores, em especial em frigoríficos, foram contaminados ali. Hoje trabalhador de frigorífico é um dos mais explorados, por conta das condições de trabalho e de um conjunto de outros fatores, e, em toda essa região centro-sul do Brasil, a mão de obra indígena é a mais requisitada, que ainda apesar das condições de exaustão que são impostas, precisam de sujeitar a trabalhar nesses frigoríficos para poderem sobreviver. Então, o Covid entrou nas terras indígenas através desses trabalhadores que foram trabalhar fora das terras.

Desse modo, podemos dizer que novamente essas “pegadas” dos homens brancos estão com marcas do colonialismo, é uma continuidade de uma perspectiva colonialista da relação do Estado com os povos indígenas, da relação da sociedade com as populações indígenas. Ainda nesse aspecto da Covid em perspectiva, vou destacar mais 3 fatores: um é a paralisação dos processos de demarcação de terra, por exemplo, basicamente estão todos os procedimentos administrativos estão paralisados, eles não deveriam ter sido paralisados, mas no Brasil eles só andam quando há pressão. É preciso fazer pressão sobre a FUNAI, sobre o Ministério da Justiça, sobre o Governo Federal, para que os processos sigam, e durante a pandemia eles não seguiram. Foram paralisados e isso gera uma situação de insegurança muito maior ainda sob essas populações. O Segundo fator é a boiada passando. Ex-ministro do meio ambiente mencionou em abril do ano passado (2020), aproveitar para passar a boiada, que era aprovar todos esses conjuntos de maldades do Congresso Nacional e de fato estão passando a boiada sobre as terras indígenas. Então, tem territórios indígenas como os Yanomami na fronteira com a Venezuela e dos Munduruku no Pará, que estão sendo invadidos por garimpeiros, que é uma forma extremamente violenta de extrair minério. No Pará deram entrada numa ação para tirá-los de lá, mas por terem liberação do governo federal paralisaram as ações para retiradas desses garimpeiros. Em Roraima, aviões de garimpeiros até atropelaram crianças indígenas nas aldeias, como foi até noticiado por meios de comunicação. São situações extremamente violentas, mas que não são por acaso, essa frase de “passar a boiada” dita pelo ex-ministro do meio ambiente, sintetiza a ação do Estado com relação à essas populações. Então não dá para a gente acreditar que é simplesmente por causa de uma pandemia que está acontecendo isso, é por conta de uma ação deliberada do Estado, que se aproveita da pandemia, que se aproveita da situação que está posta, para favorecer alguns grupos econômicos, alguns aliados, alguns tipos de projetos políticos. Ainda neste item destacamos a fome que se abateu sobre as populações indígenas. O mais chocante é uma imagem de uma criança Yanomami quase esquelética noticiada também pelos diferentes veículos de comunicação. O terceiro fator é as fake news sobre as vacinas. Agora, com as vacinas, que poderíamos estar comemorando, inclusive porque os que os indígenas foram prioridade na vacinação, no entanto, foram profundamente violentados por mentiras e desinformação. Resultou que muitas comunidades não se vacinaram.

Por outro lado, essas questões acima evidencia o tema da resistência, a resistência é pensada enquanto processo, esse processo de denúncia que mencionamos anteriormente. A própria sobrevivência é um processo de resistência. Aquilo que também Steve Stern chama de “resistência



adaptativa”, resistência não é simplesmente se opor ou se contrapor, mas é também buscar formas de sobreviver dentro do sistema e manter-se vivo e ativo, talvez seja a maior resistência. Estar vivo, e não só individualmente, mas também coletivamente, é a maior resistência, porque é impressionante como essa pandemia dizimou famílias, como ela amedronta, como ela assusta e ameaça as pessoas, estar vivo é também uma forma de resistência.

Um indígena Dessana, falou alguns anos atrás, quando o Professor Bessa Freire estava fazendo uma atividade com eles na região amazônica, que para curar uma doença é necessário conhecer essa doença, é necessário conhecer o mundo dela desde o princípio, ver como ela se porta no mundo. E é muito interessante essa frase desse indígena Dessana, porque demonstra o quanto essas doenças chegam para eles sem antídoto, porque não se conhece a doença. Esses povos que desenvolveram ao longo de milhares de anos formas próprias de se medicar, de se tratar e de se curar, agora chega uma doença externa, ela é muito assustadora.

Durante a gripe espanhola, no século XX, algumas populações tentaram sobreviver à gripe apelando para suas práticas socioculturais. Darcy Ribeiro, antropólogo brasileiro mais conhecido do século XX, escreveu sobre isso. Ele tem várias passagens sobre como os povos tentaram sobreviver à gripe espanhola. Tentaram produzir medicamentos, fazer tratamentos com os seus conhecimentos xamânicos, mas não gerou tanto resultado, como o Xokleng lá de Santa Catarina, que foram praticamente dizimados com a gripe espanhola que dois terços da população foi morta.

Um aspecto importante na questão da resistência, olhando para essa região Oeste do Paraná, é como os indígenas também entendem a doença, como a compreendem. A doença não é algo físico apenas. No geral, as doenças são quando o espírito adocece, aquilo que chama de espírito, de alma. Então tratar a doença é tratar o espírito, para que o espírito não se afaste da pessoa. Por isso é importante os processos que a gente chama de maneira genérica de pajelança ou xamanismo, as práticas de cura desses povos, elas são extremamente importantes, porque eles tratam nessa dimensão espiritual da pessoa, que a pessoa pode ficar mais fortalecida e acaba enfrentando com mais resistência essas doenças.

Outro aspecto importante aqui nessa região Oeste do Paraná, foi o baixo índice de óbito se compararmos com outras regiões e com outros povos. Dos mais de 500 casos de Covid entre os guaranis aconteceu apenas 1 morte, de um senhor indígena. Essas comunidades começaram a tratar os pacientes com seus conhecimentos próprios, com seus medicamentos, seus chás, infusões, o tratamento dos xamãs. Cada comunidade foi buscando entender a doença, o que ela afetava na pessoa e foram fazendo os remédios. Quem tem fé apenas na ciência, pode até desacreditar, pensar que isso talvez não seja verdadeiro, que possam ter outros elementos nos corpos das pessoas que as fizeram resistir a essa doença, mas o interessante é que esses conhecimentos do povo Guarani sobre os medicamentos, a produção e consumo dos medicamentos próprios/nativos não é algo recente, mas sim algo milenar, são experimentos milenares, eles têm a sabedoria sobre isso. Eu chamo de medicamentos todos esses tipos de práticas que eles utilizam para curar, para fortalecer. E eles fizeram uso desses medicamentos e muito provavelmente conseguiram evitar que muitas mortes acontecessem.

Os povos foram buscando esses mecanismos próprios para resistir a esses processos, desde ações localizadas dentro das comunidades como ações mais gerais, como o levante pela terra



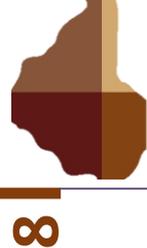
que aconteceu agora em Brasília contra a PL-490 contra o marco temporal; contra os preconceitos que foram muitos. Aqui mesmo no Oeste do Paraná há uma situação absurda, chegou a um ponto que não divulgavam mais dados dos indígenas contaminados por conta do preconceito, não podiam nem ir ao supermercado comprar alimentos porque sofriam preconceito. Então, pensar na resistência desses povos durante a pandemia é algo bastante interessante, bem louvável, eu novamente agradeço a oportunidade de contribuir um pouco com este tema, e dizer que os processos maiores de resistência são internos, eles não se revelam muitas vezes, os nossos trabalhos enquanto academia, além das ações de extensão que desenvolvemos também as pesquisas, precisam olhar para essa dimensão do saber dessas populações, do saber fazer.

Julimar Mora (JM): ¿Podría comentarnos sobre el impacto de las migraciones Warao en el norte de Brasil? ¿Cómo ha impactado esta realidad?

CB: O tema migratório se revela muito mais complexo nesses momentos porque a circulação fica limitada, tanto aquelas práticas próprias/tradicionais dos povos, como as migrações forçadas. Por exemplo, os Guarani nessa região do Paraná, as migrações acontecem dentro da dinâmica tradicional do povo, Guarani é por excelência migrante, não significa que todos os Guaranis vão migrar, mas como a mobilidade, a circularidade no território faz parte da própria dinâmica da organização social desse povo e é importante que sejam preservadas, porque a gente vê quando vamos discutir políticas públicas menções como por exemplo: “ah, mas é difícil fazer política pública especialmente na pandemia”, “como vamos vacinar esses indígenas se a gente hoje vacina aqui mais amanhã não estão mais aqui, já viajam para outra aldeia no Mato Grosso do Sul, no Paraguai, no litoral”. O problema não é do Guarani, é da nossa política pública que não está adequada a atender essas populações, principalmente as políticas indigenistas que são as políticas voltadas para essas populações, elas precisam atender-lhes da maneira como eles se organizam, e não adequar as populações, as nossas burocracias, mas sim nos adequar-lhes.

No caso do Warao, tem uma situação um pouco mais complexa, que também tem toda uma pressão externa, inclusive a APIB tem feito manifestações nesse sentido de defesa dessa população que chegou a Boa Vista e depois Manaus, um contingente bastante expressivo dessa população nessas duas cidades, mas que não podem ser tomado como princípio do estrangeirismo, porque são populações indígenas que circulam por esse território muito antes da existência da fronteira nacional e não podemos tomar o recorte congelado de 1492, 1500, 1750 ou 1822 e achar que o indígena precisa ficar confinado nesse seu espaço. Então o desafio, é muito maior, para nós, quando falo “nós” em termos de políticas públicas, em termos de relação da sociedade, como a imprensa também trabalha em sistemas, como a sociedade de maneira geral trabalha em sistemas, nossa concepção de territorialidade, de território, de mobilidade é muito ocidentalizada, nós temos essa concepção que dificulta a compreensão da circulação dessas outras populações e evidentemente na pandemia dificultou demais a mobilidade dessas populações.

Para os guaranis foi extremamente difícil, eles não poderem se visitar, não puderam cruzar a fronteira, eles tentaram driblar a segurança, fazerem suas formas próprias de cruzar pelo rio já que a ponte está trancada, especialmente com a Argentina, mas é um desafio bastante grande. Eles dão o jeito deles, mas não precisava ser assim, não precisava dessa pressão toda. Atualmente as políticas públicas brasileiras para as populações indígenas não facilitam os modos próprios de vida. Os indígenas estão resistindo justamente à essas políticas públicas, apesar de



a legislação de certa maneira ser uma legislação um pouco avançada e garantir certos direitos, em especial nesse momento presente, nessa atual gestão desse governo, estão exterminando essas populações. Por exemplo: política de terras, não existe política de terras indígenas, a política é entregar as terras para o agronegócio. Inclusive aqui na região com a terra dos Guarani, a prefeitura entrou com uma ação contra a demarcação das terras dos Guarani, porque queriam participar do processo, o juiz de primeira instância falou “é, então de fato não pode ser demarcada essa terra porque a prefeitura não foi ouvida”, simplesmente o presidente da FUNAI ao invés de questionar a ação, simplesmente anulou todo o processo. Isso é prevaricação, ele não pode, ele tem que defender, a terra indígena é terra pública, se ele não quer defender o indígena ele tem que defender a terra pública, a terra indígena é terra pública, de uso exclusivo do indígena, porém pública, pertence à união.

Numa outra ação que saiu o resultado hoje no Tribunal Regional de Porto Alegre, novamente a Funai diz para os desembargadores “que não precisa se preocupar com esses indígenas porque a terra não está demarcada e a Funai só reconhece a terra depois que ela está demarcada”, mas como assim, se a lei 6001/73 que é o atual estatuto do índio, diz que a terra não precisa estar demarcada para ser terra indígena, porque o presidente da Funai vai dizer que não vai defender o indígena porque a terra não está demarcada? De novo está prevaricando, ou seja, e o pouco atendimento que tem ainda por conta de uma política que já existia anteriormente no tema da saúde e a educação continuam porque são temas que seguem independente do governo, bem ou mal elas continuam seguindo. Mas acontece mal, vendo nas escolas no Brasil todo está uma catástrofe, acabaram com a Secretária Especial que atendia a educação escolar indígena do Ministério da Educação, tinha uma comissão nacional de educação escolar indígena, extinta também.

E os estados que são os gestores ou municípios que fazem a gestão da educação, já que as políticas são nacionais, mas a gestão é localizada, se aproveitam desse contexto para demitir trabalhadores das escolas, essa semana aconteceu nas aldeias do Paraná demissão de funcionários das escolas, professores que já estavam há bastante tempo.

As políticas públicas estão agora tornando-se pior com relação às populações indígenas. Por isso essas mobilizações, os levantes que os indígenas fizeram, porque se as políticas públicas já estão ruins, agora o congresso nacional quer adequar a legislação a essa política pública perversa, então o PL-409, que está tramitando no congresso nacional, já foi aprovado em 2 comissões, agora vai a plenário para votação, são resultados das políticas públicas do governo brasileiro. E não sei se vocês tiveram oportunidade de acompanhar, como todo movimento neste também existem as contradições, um grupo de indígenas foi a Brasília manifestar apoio ao presidente e defender o arrendamento de terra e plantação de soja e de milho e criação de gado nas terras indígenas. É claro que a gente sabe das contradições, mas é um pouco para mostrar que nesse momento no Brasil, as políticas públicas são totalmente contrárias às populações indígenas. As resistências e mobilizações que acontecem, não só em Brasília, mas também em outras regiões, terminou hoje inclusive um encontro aqui na Guaíra, começou ontem um encontro de mulheres indígenas numa aldeia em São Paulo, eles estão multiplicando, isso é importante, um aspecto importante. Estão com medo ainda da pandemia, com todos os cuidados e restrições, mas não estão deixando de fazer as suas lutas, os seus fortalecimentos internos também para fazerem esses enfrentamentos.



Agora uma pergunta do Ramon, nosso também recente mestrando aqui no programa: “Aqui no Acre muitos povos adotaram o isolamento voluntário com o chamado aos parentes que moram na zona urbana nesse momento de pandemia”. Isso é interessante, acho que precisamos fazer esse registro, eu não mencionei, mas uma ação interessante, de um grupo que eu sigo, inclusive a Aline que é também nossa aluna aqui do mestrado da 2ª turma, coordena um grupo, tem um site na internet nesse apoio do trauma das mortes, que esse processo de luto é muito complexo e a gente precisa ter um cuidado com relação à isso e tentar entender dentro da categoria desses povos, como cada povo lida com esse tema do luto, porque essas pessoas que perdem na vida e por conta da pandemia são enterrados em sepultamentos sem passar por velórios, o recomendado pela OMS, é muito complexo, é um contexto de desaparecimento, a pessoa sai de repente para ir ao hospital, nem se despede de ninguém e ninguém mais vê, é uma espécie de desaparecimento. E também como cada povo, as famílias dentro desses povos, lidam com esse tema. Acho que é um tema bastante importante e essa pergunta me faz pensar também como a gente precisa trabalhar com essas diferenças perto das resistências, esses diferentes aspectos de como cada povo reage ao tema.

Quando falamos de povos indígenas falamos de centenas de práticas e experiências distintas. A gente sintetiza tudo no “indígena”, mas são práticas de dezenas de povos, culturas, experiências e formas de vida diferente que precisa ser considerado. Também continuando com o Ramon, “fizeram barreiras nos rios e igarapés que davam acesso às terras indígenas”, isso é bem interessante, como eles conseguiram fazer esse isolamento. E a Osmarina pergunta, “Os Guarani fizeram alguma relação do Covid e a questão ambiental?” e ela menciona o Livro do Leonardo Boff que publicou um livro recentemente colocando que a doença seria uma resposta da mãe terra às agressões que vem sofrendo. Sim, esse tema os guaranis estão a todo tempo mencionando isso, eles observam muito essa mudança, eles associam esse tema da pandemia com os males que há na terra e o Guarani de maneira especial, ele nas mitologias traz alguns elementos do quanto a gente precisa cuidar do meio, se relacionar com o meio. A terra já passou por um processo de cataclisma, então a primeira terra foi destruída, agora estamos vivendo uma segunda terra e essa segunda terra não tem mais volta, então o cuidado com ela tem que ser muito grande. E essas manifestações, essas doenças que surgem são como as manifestações que se revelam de tempos em tempos e que precisam ser tratadas, precisam ser cuidadas. É uma coisa importante, talvez a gente tenha que buscar uma solução definitiva, exterminar uma doença, erradicar. Esses povos de maneira geral, no caso os guaranis, não tem essa visão de tentar erradicar determinada doença, porque o mundo precisa do seu complemento, aqui que nós chamamos do bem e do mal, essa dicotomia, para eles não existem essas duas categorias distantes, o bem e o mal eles são juntos, depende de como você alimenta, você pode alimentar mais um ou mais o outro.

Então, toda essa dimensão espiritual e a relação com o meio ambiente, uma prática vai alimentar um tipo de comportamento e esse comportamento é que vai garantir a sobrevivência. O que acontece na humanidade atualmente é que a não vem cuidando daquilo que seria os aspectos bons, então as doenças, as epidemias, são resultados dessa falta de cuidado, então combater isso não significa simplesmente achar um medicamento que consiga erradicar, mas significa buscar equilibrar a relação com a terra, com o meio como um todo, o cosmos, precisa reequilibrar,



buscar o equilíbrio. E dentro disso, está aquela dimensão que eu falava antes do espírito, o espírito forte, a alma forte, tanto individualmente, sentir-se bem, como socialmente.

JM: Bárbara pergunta: “Até onde é possível notar, as fakes news ainda estão sendo muito disseminadas nas aldeias e interferindo nas vacinações?”

CB: Sim! E foi curioso porque os indígenas conquistaram no Brasil, coisas que não tem nos nossos países vizinhos, nem Argentina e nem Paraguai, o direito de serem vacinados primeiro. Então, nas campanhas de vacinação contra a gripe influenza e agora contra a pandemia novamente, tiveram o direito de se vacinarem primeiro. Colocando em especial, começaram as fakes news de grupos ligados aos negacionistas que a gente sabe a vertente política que são, mas tem um aspecto que é o cuidado e o receio com a vacina, esses povos são assim, a vacina também é uma droga de laboratório que vão introduzir no corpo e que não necessariamente reequilibra aquilo que eu dizia antes das relações, então nem sempre a vacina é vista como algo positivo, a maioria tomou porque sabe que nesse momento precisa tomar, não tem muito jeito. Então esse é um aspecto que precisa ser considerado, a gente não pode simplesmente impor “Ah, tem que tomar a vacina”, tem que cuidar isso em relação aos povos, essa desconfiança que há com tudo que vem do mundo ocidental, não é assim que eles acreditaram que as nossas vacinas são tão melhores.

Mas a segunda questão que foi muito ruim, foi essa questão das fake news, e elas contaminaram. Hoje a presença de celular e WhatsApp nas aldeias é bastante grande, as tecnologias de maneira geral a humanidade como um todo vai se apropriando, o que é uma coisa positiva no meu ponto de vista, a gente não tem que combater tecnologia, o que eles têm que combater, fugindo do nosso campo para outro, é a apropriação individual de algumas tecnologias, que alguns fazem uso para exploração. Então, começaram a chegar algumas mensagens de negacionistas, ligados às igrejas, não só evangélicas, mas evangélicas em sua maioria, trazendo informações de que poderia virar jacaré, virou um pouco piada, mas muitos ficaram com medo, muito receio e insegurança.

Ontem, num grupo onde a maioria são indígenas do Paraguai, circulou uma informação dessas onde dizia que o médico teria tomado a vacina e morreu, alertando para não tomarem a vacina, etc. Essas fake news de fato trouxeram muitos prejuízos, não só aos indígenas, mas a eles em especial, e a gente sabe também que essas fake news não são algo natural, mas são propositalmente criados para disseminar a insegurança e a desinformação.

E faltou, claro, uma campanha de vacinação. Por exemplo, a campanha contra a poliomielite, a vacinação infantil com toda uma campanha já de muitos anos, que o Brasil já erradicou praticamente a poliomielite, a campanha do Zé Gotinha, toda uma maneira lúdica de tratar o tema e incentivar que se vacine. Nessa pandemia o governo nem se preocupou em comprar vacina, foram comprar quando viram darem para faturar por fora através dos paraísos fiscais, por isso também não tiveram campanhas por parte do governo brasileiro, e então as fake news tomaram conta. E é difícil, combater fake news é difícil, porque pega também pessoas que estão com o espírito mais enfraquecido, e então essas pessoas são mais suscetíveis a fake news e você mudar isso não é fácil. Há toda uma mobilização para tratar bem o tema, mas não é fácil. E precisamos dimensionar até onde o indígena não quis tomar a vacina por conta da fake news ou por conta das experiências traumáticas com o mundo ocidental.